

# O K-100<sup>1</sup> compartilhado: jovens, tecnologias e gestão da experiência migratória

Sharing K-100: youth, technology and migratory experience management

Paula Christofolletti Togni – Instituto Universitário de Lisboa

## RESUMO

O uso da internet e das redes sociais virtuais como campo e/ou ferramenta de pesquisa é cada vez mais recorrente nas ciências sociais. No campo de estudos sobre as migrações internacionais, recentemente, alguns pesquisadores têm assinalado a importância destas ferramentas/campos que passam a ser encarados como parte dos fluxos contínuos entre as sociedades de origem e destino (Schrooten, 2010). O presente artigo, ainda que de forma exploratória, inicia uma discussão sobre a importância metodológica da internet e das redes sociais virtuais na realização de uma etnografia multisituada (Marcus, 1995) que percorreu os trajetos transnacionais de 26 jovens oriundos de uma cidade de pequeno porte do estado de Minas Gerais – Mantena – que vivem ou já viveram anteriormente em Portugal - Lisboa, em um bairro periférico nomeado como Cacém. Foi através da internet e das redes sociais virtuais que foi possível compreender o significado simbólico e material dessa imigração, a maneira como os projetos migratórios dos jovens são geridos, bem como, apreender a forma como os lugares e os “mundos possíveis” (Appadurai, 2004) são criados e compartilhados.

Palavras-chave: Etnografia. Redes sociais virtuais. Migrações internacionais. Juventude.

## ABSTRACT

The use of the Internet and virtual social networks as fieldwork and/or a research tool is becoming recurrent in Social Sciences. In international migration field studies recently some researchers have pointed out the importance of these tools/fields as part of a continuous flow between societies' origin and destination (Schrooten, 2010). This article intend, although in a exploratory way, to discuss the methodological importance of the Internet and social networking in conducting a multi situated virtual ethnography (Marcus, 1995). This paper will drawn on the transnational path of 26 young people from a small town in the state of Minas Gerais - Mantena - who live or have lived previously in Lisbon, Portugal - in a suburb named Cacém. It was through the Internet and virtual social networks it was possible to understand the symbolic and material meaning of the immigration, how this youth migration project was managed, as well as learn how the places and “possible worlds” (Appadurai, 2004) are created and shared.

Keywords: Ethnography, Social networks, International migration, Youth

<sup>1</sup> Forma utilizada pelos jovens nas redes sociais para fazer referência ao bairro de residência em Portugal, o Cacém.

Em janeiro de 2010, conheci Sheila, 23 anos, natural de Mantena<sup>2</sup> (Minas Gerais) que vive em Portugal há quatro anos, e o Cacém<sup>3</sup>, bairro periférico da Grande Lisboa. Por intermédio de Sheila e sua família identifiquei um grupo de aproximadamente 26 jovens oriundos do interior de Minas Gerais que atualmente vivem em Portugal ou já viveram anteriormente – um fluxo migratório marcado por redes migratórias bastante consolidadas, sendo visível a alteração nos espaços de origem com a verticalização das moradias, as chamadas “casas modernas”, pelo número crescente de agências de viagem na cidade, como também pelo fato de que a grande maioria das pessoas possui um parente, amigo ou conhecido que reside ou já residiu em Portugal ou nos EUA.

A possibilidade de trabalhar com jovens oriundos de um mesmo contexto – uma cidade de pequeno porte – e que vivem num mesmo espaço na sociedade de destino proporcionou a realização de uma etnografia multisituada que pode trazer contribuições analíticas distintas da literatura produzida sobre a imigração brasileira em Portugal, centrada em análises exclusivas na sociedade de destino, através da observação das experiências e trajetórias dos imigrantes. Estas abordagens têm desconsiderado os contextos de origem dos sujeitos, a heterogeneidade e interseção de marcadores de diferença – classe, raça/cor da pele, origem regional; etc. – apesar dos argumentos sobre a indispensabilidade de produzir etnografias multisituadas presentes em estudos realizados em diversos fluxos migratórios, de acordo com Gláucia Assis (2007) e José Mapril (2008).

Por meio de uma etnografia multisituada, realizada entre janeiro de 2010 e junho de 2012, percorri os trajetos transnacionais deste grupo de jovens entre a Grande Lisboa – o Cacém (Portugal) e Mantena (Minas Gerais). A particularidade do grupo prende-se ao fato de terem experienciado uma migração internacional autônoma entre os 18 e 20 anos, que não fazem parte de reagrupamentos familiares, mas que não são necessariamente um projeto exclusivamente individualizado, mas parte também de uma estratégia familiar de reprodução social. Duas categorias êmicas que emergem na etnografia e são utilizadas contextualmente “*aproveitar a vida*” e “*melhorar de vida*” acabaram por ganhar destaque nas narrativas tanto dos jovens migrantes; como entre seus familiares e outros jovens que não tiveram a experiência da migração internacional, demonstrando a própria ambiguidade e dinâmica de seus projetos migratórios, que ao longo da experiência da migração vão sendo reconstruídos através de novas expectativas e motivações. No presente artigo pretendo analisar o papel da internet e, principalmente, das redes sociais virtuais como o *Orkut* (e mais recentemente o *Facebook*) na gestão das experiências de deslocamento dos jovens. Dessa forma, refletirei sobre o lugar ocupado pela internet como campo e/ou ferramenta de pesquisa na etnografia multisituada, considerando-a um meio de comunicação “contínuo e incorporado em outros espaços sociais”, segundo Daniel Miller e Don Slater (2000, p. 5). Esta perspectiva permite ultrapassar a oposição

<sup>2</sup> Mantena está localizada no leste do Estado de Minas Gerais, a 460 km de Belo Horizonte, numa zona de fronteira entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. É uma cidade de pequeno porte e tem aproximadamente 27.000 habitantes. Dados do Censo de 2010 apontam para uma população rural de aproximadamente 6.000 habitantes cujas principais atividades econômicas são a cafeicultura e a pecuária. Possui um IDH considerado como médio-alto (0,724), ainda que a renda per capita seja baixa (238,70) e se verifique também uma grande desigualdade de distribuição da renda. A cidade faz parte da mesorregião mineira do Vale do Rio Doce, na qual fazem parte a cidade de Governador Valadares, que desde a década de 1960, é associada a um fluxo populacional direcionado para os Estados Unidos. Para análises socioantropológicas sobre esse fluxo, ver Gláucia Assis (2004, 2007) e Sueli Siqueira (2009).

<sup>3</sup> O Cacém é considerado uma região periférica da Grande Lisboa. A reputação de periferia do bairro está associada à distância das áreas mais centrais e igualmente por uma segregação espacial étnica. A maioria das pessoas que habitam o Cacém é oriunda da África portuguesa – Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde – e, mais recentemente, do Brasil.

real/virtual presente nos primeiros estudos sobre as relações mediadas digitalmente. Como explica Richard Miskolci (2012), o espaço *cyber* não é uma esfera virtual distinta do real (circunscrito ao mundo concreto das relações pessoais tradicionais), mas parte de dinâmicas articuladas e interdependentes de comunicação e interação.

Num primeiro momento, revelarei como a internet e as redes sociais virtuais foram importantes nos contatos iniciais com o universo a ser pesquisado, na ampliação das redes com os jovens e na negociação para a realização da etnografia no Brasil. Sucessivamente, através da identificação e da análise da forma como os jovens têm selecionado as informações para o local de origem sobre suas experiências migratórias, procurarei demonstrar que as redes sociais virtuais desempenham um papel fundamental na negociação do *status* e “sucesso” migratório, construindo simbolicamente lugares como “Brasil”, “Portugal” e “Europa”.

## ETNOGRAFIAS, REDES SOCIAIS, TRANSNACIONALISMO E MIGRAÇÕES

As ciências sociais têm tentado responder à dinâmica cultural do que chamamos de desterritorialização. Nos estudos migratórios, a teoria transnacional (o transnacionalismo) pode ser citada como um esforço teórico importante nesse sentido<sup>4</sup>. Considerada uma perspectiva inovadora para análise das migrações internacionais, ainda que o transnacionalismo não seja compreendido teoricamente como um fenômeno novo, uma vez existam na história das migrações exemplos de transnacionalismo<sup>5</sup>, torna-se importante reconhecer que este fenômeno recebeu um forte impulso com o advento das novas tecnologias na área dos transportes e das telecomunicações que vieram facilitar enormemente a comunicação através das fronteiras nacionais e o deslocamento entre grandes distâncias.

Nina Glick Schiller citado por Caroline Brettell (2003), argumenta que o transnacionalismo na antropologia é parte de um esforço para reconfigurar o pensamento antropológico diante das transformações em curso e da maneira como tempo e espaço são experienciados e representados. Subjacente a este modelo teórico – a teoria transnacional – a introdução do conceito de etnografia multisituada proposta por George Marcus (1995), que aponta para a necessidade de pensar formas inovadoras de etnografia multilocal para fazer justiça às forças culturais, econômicas e políticas transnacionais que atravessam e constituem mundos regionais ou locais ganha forte impulso. Longe de ser um mero estudo comparativo entre localidades, o autor sustenta que a essência deste conceito é a de uma etnografia “móvel”, que segue as pessoas, suas conexões e relações através do espaço. Além da pesquisa em mais de um espaço físico, a pesquisa multisituada também incorpora o uso de novos tipos de materiais, tais como meios eletrônicos, reconhecendo sua importância crescente nos mundos sociais contemporâneos.

<sup>4</sup>O transnacionalismo se refere aos processos por meio do qual os migrantes operam estruturalmente em campos sociais que transcendem as fronteiras nacionais. Ver Linda Basch, Nina Schiller e Cristina Blanc (1994) e Valentina Mazzucato (2004).

<sup>5</sup>Maria Izilda Matos (2012), por exemplo, por meio do estudo das cartas e correspondências entre Portugal e o Brasil (1890-1950) demonstra a forma como as cartas servem para compreender o processo de deslocamento dos imigrantes, se configurando como um testemunho precioso entre os dois espaços, ainda que pouco explorados nos estudos sobre os deslocamentos.

Desta forma, a ideia de que ser migrante é uma relação dialógica, uma vez que implica refletir sobre sujeitos que vivem dentro de campos sociais transnacionais, expostos a um conjunto de expectativas sociais, valores culturais e padrões de interação humana que são compartilhados em mais de um sistema social, económico e político segundo Laura Velasco, (1998), emerge como um pressuposto não somente teórico, mas também metodológico.

No campo de estudos sobre migrações internacionais, as etnografias multissituadas têm sido realizadas desde o início da década de 1990, como o notável trabalho de Sherri Gramusck e Patrícia Pessar (1991) – “*Between Two Islands: Dominican International Migration*”. No que se refere à imigração brasileira, as investigações de Gláucia Assis (2004; 2011) e os trabalhos de Adriana Piscitelli (2002; 2003; 2008; 2009) que através da ideia central de trânsito têm produzido importantes análises que intersectam gênero, sexualidade e migrações, baseada em etnografias nos locais de origem e de destino (Itália e Espanha) de mulheres migrantes se configuram como modelos referenciais.

Como ponto de partida na etnografia, estabeleci contatos com jovens oriundos de Minas Gerais que vivem na Grande Lisboa através de redes consolidadas previamente na Associação Casa do Brasil de Lisboa<sup>6</sup>; mas, sobretudo, através de contatos em redes sociais virtuais – o *Orkut*. Para Sonia Aguiar (2007) a expressão “redes sociais na internet” vem sendo utilizada para designar plataformas que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em um padrão egocentrado de relacionamentos. Os usuários constroem um perfil público (ou semipúblico) a partir de dados estruturados em um formulário e o associam aos perfis de amigos, amigos de amigos e conhecidos com os quais possuem algum tipo de proximidade e de identidade.

Para a autora, algumas ferramentas potencializam redes interpessoais preexistentes e outras proporcionam a ampliação das redes que incluem “estranhos”, ou seja, perfis sem vínculos obrigatórios *offline* ou anteriores. A “amizade” com celebridades, “mulheres bonitas” e “homens sarados”, por exemplo, parece proporcionar um aumento no *status* dos indivíduos.

O funcionamento do *Orkut* como rede social foi analisado por Rachel Recuero (2004, p. 7) que descreve a forma como esta rede se operacionaliza.

[...] o software é uma espécie de **conjunto de perfis de pessoas** e suas **comunidades**. Nele é possível cadastrar-se e **colocar fotos e preferências pessoais**, listar amigos e formar comunidades. Os indivíduos são mostrados como perfis, é possível perceber suas conexões diretas (amigos) e indiretas (amigos dos amigos), bem como as organizações sob a forma de comunidades. Além disso, existem ferramentas de interação variadas, tais como **sistemas de fóruns** para comunidades, envio de mensagens para cada perfil, envio de mensagens para comunidades, amigos e amigos de amigos.

<sup>6</sup> Frequentei desde 2005, como associada, a Casa do Brasil de Lisboa (associação de apoio a imigrantes brasileiros). Em 2007 fui convidada para conduzir o projeto de inserção laboral de imigrantes brasileiros, denominado UNIVA – Imigrante. O atendimento a imigrantes brasileiros e a convivência na associação me possibilitou observar de perto a realidade desta imigração em várias dimensões, seja ela jurídica (relativamente a legalização, a inserção no mercado de trabalho, reagrupamento familiar), como conjuntamente casos de retorno voluntário, violência doméstica e o crescimento das relações afetivas-sexuais entre cidadãos brasileiros e portugueses. Ademais, a associação possibilitou-me expandir os contatos com jovens migrantes.

As comunidades virtuais do *Orkut* são um exemplo de redes ampliadas em função de subjetividades comum. Foi na “comunidade virtual” *Brasileiros em Portugal*<sup>7</sup> que realizei uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar os principais cenários de origem de migrantes oriundos do Estado de Minas Gerais, fundamentalmente jovens, e acabei por identificar Sheila<sup>8</sup>, dentre outros jovens participantes da comunidade. Apesar de não ter problemas em ser adicionada à sua lista de “amigos”, durante quase um mês fiz inúmeras tentativas para um encontro *offline* com Sheila, sem nenhum resultado.

Participava da mesma “comunidade”, expliquei a natureza da conversa, mas foi somente quando percebi que tínhamos um “amigo” em comum, MC Dinho, cantor de *funk* que coincidentemente trabalhou comigo numa pizzeria em Lisboa é que obtive respostas de Sheila. Pedi a Dinho, que conhecia o meu trabalho de pesquisa que desse referências sobre mim para Sheila. É importante ressaltar a posição que MC Dinho ocupa dentro do contexto da pesquisa: o jovem é um dos principais cantores de *funk* que atua em Portugal e possui grande visibilidade nas festas brasileiras, que Sheila e os outros jovens frequenta. É importante salientar que atualmente, na região metropolitana de Lisboa, existe um circuito cultural de discotecas e bares que produzem eventos destinados à “comunidade brasileira”. Neste cenário, membros de bandas, dançarinos (as) e MC’s de *funk* são produzidos como “novas celebridades” dentro do grupo e são reconhecidos como tendo um *status* elevado. Conjuntamente, nestes espaços de sociabilidade são definidos estilos, corporalidades e estéticas que são relevantes à medida que articula interesses e expectativas de auto-imagem e imagem coletiva a determinados objetos, corpos e práticas, que nesse contexto específico tem definindoos significados do que é “ser brasileiro (a) em Portugal”, nomeadamente no Cacém como discutido por mim em Paula Togni (2011, 2012).

Os cartazes das discotecas (Imagem 1) e eventos realizados na Grande Lisboa ilustram as estéticas e estilos considerados “brasileiros”, publicizados constantemente nas redes sociais da internet.

Imagem 1 - Cartazes das discotecas



No início da etnografia, MC Dinho era uma das figuras “públicas” da noite brasileira da Grande Lisboa. Foi através da mediação dele que Sheila “decidiu” me encontrar no Cacém. Segundo as

<sup>7</sup> A comunidade virtual possui aproximadamente 27.450 membros. Realizei uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar os principais contextos de origem dos brasileiros residentes em Portugal e oriundos do Estado de Minas Gerais (BRASILEIROS em Portugal, 2012).

<sup>8</sup> Os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

palavras da jovem, “*resolvi te conhecer pela sua insistência... e veja se troca a sua foto de perfil porque você parece bem mais velha lá*”.

Paulatinamente, percebi que a foto do meu perfil do *Orkut*, como as fotos pessoais, os *scraps* recebidos e a forma como utilizava o hipertexto poderia ser decisiva no meu acesso ao campo, na medida em que corporificava a diferença de *status* entre eu e o grupo. A negociação da minha presença e atuação nas redes sociais virtuais perpassaria pela diferença etária (explicitada por Sheila), pelo círculo de sociabilidade por mim frequentado e pela estética e corporalidade apresentada no perfil. Desta forma, o primeiro passo foi a alteração da foto do perfil. Parecia importante parecer “menos velha” ou “mais nova” para o grupo. Entretanto, ao longo da etnografia a diferença de *status* entre eu e o grupo, para além do estilo e estética foi marcada pela insterseção de categorias de diferenciação social como geração, classe, escolaridade e cor da pele, que naquele contexto simbólico significa ser “portuguesa”.

A distinção social foi igualmente demarcada no que se refere às próprias plataformas de comunicação mediadas pelo computador. No início da etnografia eu criara um perfil no *Facebook*, consequência do fato da maioria dos meus contatos pessoais e profissionais terem se “deslocado” para esta outra ferramenta com o argumento recorrente sobre a “popularização” do *Orkut*. Portanto, o prolongamento da minha presença no *Orkut* se deu pela própria etnografia. É importante salientar que o *Facebook* passa a ser utilizado pelos jovens somente no final de 2011. Em um churrasco na casa de Sheila, Érica acessa seu perfil no *Facebook* e fala: “*O Orkut já era, agora o que está a dar é o Face*”. De qualquer forma, somente a partir de 2012 comecei a receber solicitações de amizade dos jovens no *Facebook*, apesar de que os mesmos mantiveram seus perfis no *Orkut*.

Por conseguinte, durante todo o período de realização da etnografia negocieei meu *status* e a minha presença nas redes sociais virtuais com o grupo por meio do perfil do *Orkut* que incluía poucas fotos pessoais e era utilizado, sobretudo, para a troca de *scraps*, para o acompanhamento dos perfis dos jovens e conjuntamente para observar os acessos dos jovens ao meu perfil<sup>9</sup>.

Alguns dias após encontrar fisicamente Sheila no Cacém, fui convidada a ir em sua casa para uma feijoada. Lá me deparei com esse grupo de jovens entre 18 e 25 anos oriundos da mesma região. O relato abaixo do diário de campo, 28 de fevereiro de 2010, Cacém, mostra que a internet e as redes sociais virtuais ocupavam um lugar importante na sociabilidade do grupo.

Ela (Sheila) me apresentou para todos como ‘a escritora’ que iria fazer um livro sobre a história dela. Lá só havia brasileiros, a música era brasileira, a comida era brasileira... de português havia o espaço, o tempo e algumas bebidas alcoólicas: moscatel, vinho e cerveja. Sheila me diz: ‘*você viu, não tem portugueses aqui, eles ficam lá fora*’. Para mim, isso já estava claro. Não tive problema em me enturmar, percebia alguma curiosidade em relação a mim, principalmente dos meninos Diziam-me que eu parecia ser portuguesa pelos meus traços e o corte de cabelo... **Alguns jovens estavam na Internet, no Orkut, postando fotos da noite passada no Go Times ‘O Inferninho’, uma discoteca brasileira em Barcarena, próxima ao Cacém.**

<sup>9</sup> O *Orkut* torna possível acessar as últimas “visitas” recebidas no perfil.

Haviam pessoas *online*, conversando e compartilhando fotos da noite anterior nos perfis do *Orkut*. Constantemente, durante festas, encontros e almoços o computador permanecia ligado e ia sendo utilizado alternadamente pelos jovens, ainda que a maioria tivesse seu próprio computador. Dias depois, recebi vários convites do *Orkut* de jovens que estavam na casa de Sheila para ser incluída nas suas redes de amizade. Durante os cinco meses seguintes realizei trabalho de campo no Cacém, acompanhando os trajetos e as trajetórias destes jovens brasileiros através de observações e entrevistas nos seus espaços de moradia e de sociabilidade – festas e almoços, *bailes funks*, cafés e discotecas brasileiras – como também segui os seus perfis do *Orkut*, mantendo contato através dos *scraps*<sup>10</sup> e mensagens de celular. A construção das relações com outros jovens ao longo da etnografia também foi possibilitada através de três interlocutoras privilegiadas: Sheila, Camila e Dora. A pesquisa foi delineada metodologicamente ao contrário da maioria das etnografias multilocalizadas que iniciaram suas investigações nas sociedades de origem (ASSIS, 2007; GRAMUCK; PESSAR, 1991). A etnografia teve como estratégia metodológica a reconstrução das trajetórias dos migrantes primeiramente na sociedade de destino, acreditando que a consolidação de uma relação de confiança com os jovens poderia facilitar o acesso a suas famílias e seus círculos de amizades no Brasil, na tentativa de entender como viviam anteriormente ao deslocamento e, ao mesmo tempo, contrastar as percepções das famílias e amigos sobre a migração com suas próprias experiências e narrativas.

De forma não pronunciada, a *Internet* – sobretudo as redes sociais virtuais como o *Messenger* e *Orkut* (e mais recentemente o *Facebook*) – e tecnologias como a telefonia móvel ocuparam um lugar metodológico fundamental em todas as etapas da etnografia. Se inicialmente essas tecnologias facilitavam os contatos com jovens migrantes, ampliando a rede da pesquisa, elas foram fundamentais para permitir um *continuum* entre os trabalhos de campo no Brasil e em Portugal, possibilitando diálogos com os jovens tanto na origem como no destino. Já nos primeiros meses da realização da etnografia, ainda em Portugal, percebi que as tecnologias de informação e comunicação desempenhariam um papel importante na pesquisa, como pode ser observado no excerto do meu diário de campo, Lisboa, 12 de abril de 2010.

De fato, a *Internet* e o telemóvel (celular) tem se configurado como ferramentas fundamentais na realização do trabalho de campo. É evidente que terei que incorporar as novas tecnologias de comunicação na minha tese. Somente hoje, através das TIC, conversei com a Cleide, Canila, Junia, a Lili e a Helena. A Cleide conversamos em relação a elaboração de seu currículo, o qual me disponibilizei a fazer... é interessante também a forma como elas se referem a mim ‘amiga’, ‘fia’, ‘gatíssima’. O telefone (principalmente através das SMS), o MSN, o *Orkut* têm sido a maneira mais fácil de agendar encontros, saber notícias, trocar informações.

Curiosamente, a noção de **redes sociais**, amplamente difundida teoricamente nos estudos migratórios, afigura-se como um eficaz símbolo de retórica para abordar o que no presente artigo nomeio como **redes sociais virtuais**. Ao pronunciar ao longo do texto as “redes sociais”, estarei articulando dois conceitos semânticos: as redes sociais, enquanto abordagem teórica alternativa de

<sup>10</sup>No perfil de cada indivíduo no *Orkut* há um espaço destinado ao envio de mensagens públicas, denominados pela plataforma como *scraps*.

análise das migrações internacionais que surge em contraposição aos extremos da teoria neoclássica estrutural (ver Patricia Pessar, 1999 e Monica Boyd, 1989) e as redes sociais virtuais, importantes tecnologias que possibilitam observar e interpretar situações de comunicação e conexão e a produção de sociabilidades.

Para Charles Tilly (1990), as unidades efetivas de migração não são indivíduos nem famílias, mas conjuntos de pessoas ligadas por relações de parentesco, amizade, de conhecimento e de trabalho. De acordo com o autor, para além dos atributos e motivações individuais, a migração funciona como uma “estrutura comunitária que translada”. Ao reconhecer que as redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade são componentes centrais nas análises de sistemas migratórios, Monica Boyd (1989, p. 641) afirma:

[...] **conectam migrantes e não-migrantes no tempo e no espaço.** Uma vez iniciados, os fluxos migratórios, frequentemente, tornam-se auto-sustentados, refletindo o estabelecimento de redes de informação, assistência e obrigações que se desenvolvem entre migrantes, na sociedade de destino, e amigos e parentes, nas áreas de origem. **Essas redes ligam as populações dos países de origem e de destino** e asseguram que os movimentos não sejam, necessariamente, limitados no tempo ou sem direção (grifo meu).

A conexão entre migrantes e não-migrantes no tempo e no espaço através de redes, sugerida na citação de Monica Boyd (1989), se refere às redes sociais baseadas em laços de parentesco e amizade, mas pode incluir, pensando em suas funcionalidades, as redes sociais virtuais. Cabe destacar que aqui o virtual não é considerado oposto do real. Como apontam Shirley Sales e Marlucy Paraíso (2010, p. 27), o virtual é “uma faceta do real”, aquilo que não está presente na sua materialidade, mas que tem uma existência concreta.

Portanto, longe de criar relações fixas, transplantadas para os contextos de destino, as redes sociais (virtuais ou não) e suas relações sofrem mudanças, são constantemente recriadas e envolvem negociações entre os seus membros. Por outro lado, é possível observar que através das redes sociais (também no seu duplo sentido semântico) se constrói simbolicamente lugares como “Brasil” e “Europa”.

O início da realização do trabalho de campo no Brasil, em Mantena, foi negociado ao longo da etnografia no Cacém, mas, especialmente através de *chats* no *Messenger* e de *scrap*s no *Orkut*. Ao perguntar para Sheila se sua mãe, D. Creuza, tinha conhecimento sobre minha ida e permanência na casa da família, a jovem respondeu: “...*um vai ficar lá só no meio dos bichos... já falei com ela (a mãe)... a casa é mesmo humilde, não repara não*”<sup>11</sup>.

Há poucas horas da minha chegada na casa da família Felix, o telefone tocou e era a Sheila de Portugal<sup>12</sup>. D. Creuza comenta que Sheila já havia ligado para saber se eu havia chegado. Ela pede para conversar comigo no telefone... e diz “*não é que você foi mesmo*” e eu disse “*eu te falei que viria*”. Conversamos um pouco, ela me contou que tinha “*tomado todas*” no jogo do Brasil, e que a Sônia

<sup>11</sup> Os *scrap*s não sofreram correções, sendo inseridos da maneira literal em que os jovens escrevem.

<sup>12</sup> Na zona rural, em Cachoeirinha de Itaúnas, a única rede de telefonia móvel é a Vivo, funcionando somente com uma antena. Sendo assim, durante minhas permanências estive sem comunicação – telefonia móvel e *internet*.

(amiga com quem dividia a casa na época) havia arranjado um trabalho em Ericeira<sup>13</sup> e se mudado para casa de seu irmão, e que Juliana havia chegado do Brasil e estava agora morando com ela. O *continuum* da etnografia pode ser observado na fala de Sheila que para além de obter informações sobre a minha chegada em seu lugar de origem, atualiza as informações e os principais acontecimentos no Cacém, durante a minha ausência.

Através dos *scraps* alguns jovens, como Camila, comentam a minha estadia na casa de suas famílias “oi...vou ligar amanhã quinta feira (para a casa de sua família, onde eu estava residindo). *Que bom que você esta gostando minha velha é nota 10 num é.bjus amiga tou mto feliz de saber*”. Em outro momento, Sheila e Camila estavam em uma *lan house* no Cacém (a internet havia sido cortada na residência) e me chamaram em uma ligação de vídeo. Sheila relatou que um amigo seu de Mantena havia chamado-a no *Messenger* para perguntar “*quem era a loira bonita que estava na casa dela*”. Ela respondeu que eu não era mulher desse tipo que “*dá confiança para qualquer um*” e conta que todos na zona rural gostaram muito de mim.

É importante ressaltar que a maioria dos jovens não haviam regressado ao Brasil até a minha ida para a casa das suas famílias, estando em Portugal de forma ininterrupta entre 3 a 7 anos. Minha ausência no Cacém significava a presença nos seus lugares de origem. Numa destas ausências/presenças Sheila me chamou no *chat* para relatar que havia levado uma carta de expulsão<sup>14</sup> quando frequentava uma discoteca brasileira.

*S: olha, ontem levei uma carta de expulsão*

*P: Não acredito! Quando?*

*S: Sábado em Ericeira. Mas eles [os policiais] dizem que não há problema. Mas vê se tem problema!*

*P: Terei que ver com a advogada da Casa do Brasil.*

*S: Vê e me fala...vergonha, né...eles foram atrás de mim...não estava a fazer nada, vieram e me pediram os documentos*

*P: Não precisa ter vergonha, você não está fazendo nada de errado, você trabalha e vive aí em Portugal.*

*S: Acho que não vou poder esperar 3 meses para me inscrever [no SEF- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras]. Se eles me pegam outra vez me mandam para o Brasil. Vê lá e me diz!*

*P: Pode deixar!*

A transcrição de uma parte desta conversa “virtual” mostra novamente a relação contínua entre os campos (Brasil e Portugal), mas, sobretudo, revela que em vários momentos fui acionada para a ajudar na resolução de problemas e encontrar soluções, mesmo estando fisicamente em outros espaços.

<sup>13</sup> Ericeira emerge na etnografia como um outro destino prioritário de residência para as pessoas oriundas de Mantena, sobretudo da zona rural de Cachoeirinha de Itaúnas. No entanto, as pessoas que vivem nesse espaço são na sua maioria “mais velhas” (do ponto de vista dos jovens) e desempenham um papel fundamental na rede de solidariedade entre o grupo. Em períodos de desemprego, por exemplo, muitos jovens procuram refúgio nas casas dos “adultos”. As comemorações do Natal, durante os anos da pesquisa (2010-2012) foram realizadas na casa de Maurício, localizada em um prédio no centro de Ericeira. A familiaridade encontrada em Ericeira é expressa na narrativa de Sheila: “*Eu vivo indo lá em Ericeira... é como se eu estivesse em Cachoeirinha*”. No entanto, a escolha de residir no Cacém é justificada exatamente pelo excesso de familiaridade. De acordo com os jovens, morar em Ericeira significa ter menos “*liberdade*” e mais pessoas “*tomando conta da sua vida*”.

<sup>14</sup> Carta de expulsão é uma carta de abandono voluntária emitida pela Polícia de Imigração portuguesa, para imigrantes em situação irregular.

A partir desta conversa tive conhecimento da situação de Sheila<sup>15</sup>, entrei em contato com a Casa do Brasil de Lisboa e decidimos (Sheila e eu) entrar com o pedido de regularização extraordinária<sup>16</sup>.

Num segundo momento, identifiquei que a internet e sobretudo as redes sociais – *Orkut* e no final da etnografia o *Facebook* – operavam na forma como os jovens selecionam informações para compartilhar no local de origem que remetem sobre suas experiências migratórias e servem para negociar seus *status* e o “sucesso” migratório. Tal constatação só foi possível pela minha permanência em seus locais de origem. Familiares, amigos e conhecidos dos jovens migrantes faziam referência ao *Orkut* como principal mecanismo de obter “notícias” dos que estão fora. Shirley, prima de Camila, relata: “*Eu sempre entro no Orkut dela, vejo as fotos. Ela mudou o rosto, o jeito, está até mais bonita*”.

O uso de *sites* de redes sociais pelos migrantes já têm sido analisado por pesquisadores que procuram estudar as redes transnacionais formadas pelos mesmos. Mieke Schrooten (2010) explorou o exemplo do *Orkut*, considerando sua enorme popularidade no Brasil tanto no caso dos migrantes, quanto das pessoas que continuaram residindo nos locais de origem. Segundo a autora, o *Orkut* se configura como um importante recurso para imigrantes de diferentes classes sociais e possui um papel significativo nos acessos às informações sobre os locais de destino, especialmente como um “lugar” onde o *status* são constantemente negociados.

A discussão sobre se a internet se constitui como um lugar é bastante controversa. Seguirei a abordagem de alguns autores como Christine Hine (2009) e Richard Miskolci (2012) que a considera como um espaço de “sociabilidades moldadas”, na medida em que é possível escolher e controlar com quem e quando estabelecemos contatos através de diversos critérios de seleção. De acordo com esta perspectiva teórica, ao invés de pensarmos a internet Christine como um “lugar”, os autores sugerem pensá-la em termos analíticos como “contextos culturais, devido a sua existência mais autônoma em relação ao território” (HINE, 2009 *apud* MISKOLCI, 2012, p. 37). Desta forma, as imagens e narrativas são selecionadas pelos jovens. Como afirma Miskolci (2012, p. 40), o perfil “é um mecanismo de identificação e autopromoção, portanto, uma forma de comodificação de si”, ou seja, são construídos sob a perspectiva do usuário, funcionando como auto-representação.

Os jovens tornam público o aumento do padrão de consumo: roupas, sapatos, viagens e bens como carros e computadores e o acesso ao lazer e sociabilidades como shows de bandas brasileiras, e idas às discotecas, em contraposição, à fixidez e falta de mobilidade na zona rural e a escassez de recursos econômicos que vivenciavam nos seus locais de origem.

É importante salientar que a maioria dos familiares adultos dos jovens não utiliza ferramentas informáticas. A comunicação virtual é feita entre os jovens em Mantena e no Cacém (Portugal). É no *Orkut* que as narrativas sobre a migração dos jovens são construídas por fotos, textos e “*scraps*”.

No caso dos jovens migrantes, a maioria das redes de amizade do *Orkut* são formadas por outros jovens de Mantena e região que permaneceram no local de origem e por jovens que vivem/

<sup>15</sup> Desde a sua chegada em Portugal, em 2007, Sheila esteve em situação irregular. Sua Autorização de Residência foi emitida em outubro de 2012, após a entrada do pedido de regularização feito por mim em abril de 2012. Para além da morosidade do processo, ela precisou adiar sua regularização, porque no ato da entrevista era necessário pagar uma multa por ter residido “ilegalmente” em território português, na época, aproximadamente 550 euros.

<sup>16</sup> Atualmente Portugal é um dos poucos países europeus onde é possível ainda solicitar a Autorização de Residência para trabalho sem retornar ao país de origem. Através do art 88º da lei de estrangeiros e fronteiras (Lei nº 23/2007) de 4 de Julho, o imigrante, tendo um contrato de trabalho e seis meses de descontos na Segurança Social portuguesa, podem solicitar a regularização (PORTUGAL. Lei 23/2007).

viveram em Portugal, fundamentalmente na região habitada por eles – a linha de Sintra, onde o Cacém se localiza. Dessa forma, a comunicação mediada pelo computador tem ajudado os migrantes do mesmo local de origem nos seus novos locais de residência (HULLER; FRANZ, 2004 *apud* SCHROOTEN, 2010) e transforma a localização geográfica – de origem e destino – como base para interesses comuns.

## GERINDO PERFIS E PROJETOS MIGRATÓRIOS

Para além da importância das redes transnacionais formadas pelos migrantes e da construção e negociação de suas experiências migratórias, mediadas pela *Internet*, a dimensão performativa da identidade pessoal através da gestão dos “perfis” nas redes sociais deve ser problematizada.

De acordo com Eva Illouz (2006 *apud* MISKOLCI, 2012, p. 40) a construção e gestão de um perfil é um processo que converte “o eu privado em performance pública”. No caso dos jovens de Mantena, é a sociabilidade dos jovens que ganha centralidade nas suas narrativas, seja nos títulos dos álbuns de fotos compartilhados ou nas fotos *per si*. “*Festinhas*”, “*churrasco na casa do Marcelo*”, “*eu fui ao show do Calypso*”, “*solzinho, praia e gelada em Sesimbra*” são alguns exemplos de situações compartilhadas, nomeadas pelos jovens que permaneceram em Mantena como “aproveitar a vida”.

O “aproveitar a vida” associa-se a uma agitada vida social e acesso a alguns bens de consumo. A conjugação entre os estilos de roupa e acessórios e determinadas corporalidades – depilação, corte de cabelo cuidado, tatuagens, etc. – ainda que possam estar relacionadas com a “brasilidade” no Cacém e em Portugal, parece *a priori* um estilo associado aos jovens de grupos populares no Brasil. Aliás, os consumos (MILLER, 1987; 1997 e os estilos (ver Dick Hebdige, 1979) têm sido imaginados e desejados de acordo com os modelos do Brasil: músicas, roupas, corte de cabelo, danças, idas a discotecas e *shows*, etc.

Um dado importante é que nos locais de origem a vida social dos jovens é bastante limitada. Em Mantena, a praça central é um ponto de encontro dos jovens da cidade, principalmente nos fins de semana, onde formam pequenos grupos, conversam, bebem e “paqueram”. Não existem discotecas e os eventos promovidos na cidade são escassos. Curiosamente, Mantena possui 52 Igrejas, a maioria evangélicas, que se converteram em espaços importantes de sociabilidade. Na zona rural, Cachoeirinha de Itaúnas, os jovens estão praticamente isolados. Desde nosso primeiro encontro, Sheila relatava “*que não queria morar na roça, onde não tinha nada para fazer*”. A casa de sua família está localizada a 3 km de estrada de terra do vilarejo de Cachoeirinha de Itaúnas, onde os bares e a quadra de futebol são os únicos espaços de sociabilidade. O número de homens parece ser superior ao de mulheres. Uma das principais reclamações dos jovens é “*a falta de mulher*”, o que pode ser explicado pelo maior número de meninas que deixam a zona rural, principalmente através do casamento com homens de outras localidades e de migrações internas para trabalho doméstico em regiões próximas. A maioria dos jovens em Mantena e na zona rural já possui filhos e é casada. D. Creuza observa que, depois da partida de Sheila, todas as suas amigas que vivem em Cachoeirinha tiveram filhos, estão casadas e não trabalham – “*Sheila é a única que está aproveitando a vida*”. No Morro do Margoso (Mantena),

conhecido também como bairro dos Operários, os jovens normalmente ficam nas ruas, ouvindo *funk*, ou nas casas, onde realizam algumas festas. O bairro é estigmatizado pelo tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia.

Portanto, a possibilidade de ir a *shows* de bandas brasileiras que se apresentam em Portugal já representa um ganho simbólico. Todas as idas aos shows e festas são compartilhadas no *Orkut* através de fotos que geram comentários dos jovens que ficaram no local de origem. Muitos dos jovens usaram computadores pela primeira vez em Portugal e, atualmente, todos têm o seu próprio “*notebook*”, utilizado fundamentalmente para acederem às redes sociais, como *Messenger* e *Orkut*, e para ouvir música brasileira.

Os conceitos êmicos “melhorar de vida” e “aproveitar a vida” não são antagônicos, mas sim categorias fluidas que são usadas contextualmente. Ainda que o “melhorar de vida” esteja associado às narrativas dos adultos para justificar a migração dos jovens, a expressão é utilizada igualmente por irmãos e amigos da mesma faixa etária. O baixo nível salarial e a escassez de trabalho em Mantena e na zona rural, relatados tanto pelos jovens migrantes, como pelos seus familiares e amigos, são considerados os principais fatores da emigração dos jovens, para “melhorar de vida”.

As expectativas familiares em relação ao deslocamento dos jovens e a importância das remessas na renda familiar podem ser observadas na fala de alguns parentes.

*“.. eu acho que ela foi porque ela quer ter um futuro melhor e ela está em busca dele. É para ela ajudar mais a família... e mudar de vida” (irmão de Camila, 30 anos).*

*“O Calixto [pai] não queria que ela fosse, mas olha quem ajuda a gente agora?” (mãe de Sheila).*

Um hábito recorrente entre os jovens é a constante atualização das fotografias pessoais nos perfis das redes sociais que são continuamente comentadas pelos outros jovens. A centralidade do corpo pode ser observada através da seleção de imagens para os perfis que geralmente procuram realçar determinadas corporalidades e estilos por meio de posições e roupas bastante sensualizadas. Iara Beleli (2012) ao reatualizar as ideias de Fausto-Sterling (2001, *apud* Beleli, 2002), nota que apesar da internet ser apontada por alguns autores como um espaço virtual descorporificado, a natureza física do corpo está presente na construção e gestão dos perfis, na mediação das relações e na produção de subjetividades, ou seja, no continuum *on/offline*, o social é corporificado.

No caso dos rapazes, as fotos são normalmente sem camisa ou de sunga, ao passo que nas fotos de perfil das meninas podemos notar o uso de roupas justas que mostram as formas do corpo e o uso de maquiagem e salto alto. Os cabelos alisados ou com extensões para mantê-los longos é bastante recorrente. A maioria das jovens tem cabelos crespos (que, no Brasil, é um dos marcadores de ascendência afro-brasileira), e fazem referência ao custo dispendioso de “cuidar” do cabelo “ruim” no Brasil, ao passo que em Portugal, a existência de um maior número de salões “afro” e com custos acessíveis, – geralmente de cabeleiros africanos (Cabo Verde, Angola, etc) – é mencionada de forma habitual.

O consumo, entendido como uma forma de ação simbólica (ver Alfred Gell, 2010), serve como ferramenta de análise importante para entender como se dá a negociação do *status* dos jovens migrantes através das redes sociais virtuais. O acesso a determinados bens de consumo – carros, motos,

computadores, celulares de última geração e determinados estilos de roupas – são quantificados tanto no destino quanto na origem como “melhorar de vida”. Numa das imagens abaixo (à esquerda), “montada”<sup>17</sup> para ser compartilhada no perfil de um dos jovens no *Orkut*, é possível perceber que determinados bens – dinheiro (euro), bebidas alcoólicas e computadores – são linguagens simbólicas que demonstram o “sucesso” e o “aproveitar a vida” dos jovens migrantes. A narrativa de Yan mostra a eficácia das redes sociais na construção do imaginário de um possível “sucesso” migratório, normalmente associado à melhoria das condições econômicas.

“Eles [amigos e familiares] pensam que eu estou nadando em dinheiro... uma vez eu falei com um amigo meu que achou que eu estava aqui na boa vida, vê as fotos, têm notícias, aí fica achando que a gente está com muito dinheiro”.

**Imagem 2 – Exemplos de fotos compartilhadas no *Orkut*<sup>18</sup>**



Há visíveis alterações nas relações de poder marcadas no contexto de origem por uma moradia periférica – no morro e na zona rural -, um estatuto econômico baixo e um acesso reduzido ao consumo e à vida social. Ainda que na “Europa” os jovens vivam em regiões consideradas relativamente periféricas e sua sociabilidade seja muitas vezes restrita a esses espaços, eles experimentam certa mobilidade econômica ascendente, maior acesso aos bens de consumo e melhorias nas condições de moradia. “Aqui eu consigo ter mais coisas do que no Brasil, tipo computador, carro essas coisas. No Brasil eu só tive moto. A grande diferença é essa”, afirma Maicon. O acesso ao mundo do consumo está presente nas motivações da migração brasileira para outros fluxos. Ao utilizar o termo “cidadania do consumo”, Assis (2004) faz referência à forma de inserção no mundo globalizado que as migrações permitem através do consumo. Essa nova forma de cidadania por meio do consumo é compartilhada com os outros jovens na origem através das redes sociais virtuais.

A gestão dos perfis passa também pela constante alteração do estado civil no *Orkut* e *Facebook* (solteiro, numa relação, novamente solteiro, etc). Outra regularidade encontrada se refere aos *nicknames*, continuamente modificados, normalmente em três especiais situações: para evocar a

<sup>17</sup> No texto, recorro à noção de “montagem” para enfatizar a ideia de construção de cenários e objetos específicos. No entanto, o termo utilizado de antemão por Beleli (2012), “maquiar”, faz alusão às imagens postadas nos perfis com ângulos e cenários específicos. Para a autora, estes recursos são tentativas de “mostrar em imagem suas auto-descrições” (p. 65).

<sup>18</sup> A legenda da foto compartilhada por Nivaldo faz referência ao carro, ao som potente e ao evento Brazilian Day, realizado em Lisboa em 2011. “com meu brinquedinho vams bomba no braziliandays no utimo volume sabado galera em Lisboa”. O evento, realizado desde 1984, já se tornou um festival de referência nas cidades de Nova York, Miami, Toronto, Tóquio, Luanda e Londres. Estes festivais fazem parte da estratégia da TV Globo Internacional para promover eventos gratuitos que reúnem a comunidade de brasileiros no exterior. Em Portugal, a primeira edição (2011) teve como atração principal o cantor sertanejo Daniel.

saudade e a importância dos vínculos familiares como por exemplo “*saudades família... me faz falta*” ou ainda “*Rê. Mãe tô com saudades*”; quando começam um namoro, que significa para os jovens uma relação que envolve compromisso e “respeito”, o que na maioria das vezes é sinônimo de fidelidade. A união é explicitada na alteração do *nickname* que passa assumir formas como “*maicon@luana*”, “*Dora, Nuno e Bruno*”<sup>19</sup>, “*Vivi&Fred*”.

Na definição dos perfis, em alguns momentos as frases iniciais são modificadas para fazer menção à nova relação afetiva. Soraia, namorada de Elivélton é conhecida por todos no Cacém por ser muito ciumenta. Nos últimos meses, o perfil de “Negão” foi alterado para “*estou muito feliz com a mulher que amo*”. As alterações são realizadas também em função da perspectiva de retorno ao Brasil, ainda que não planejada. Camila, por exemplo, possui como *nickname* “*Araujo Brevemente Brasil*”, e Sheila “*Sheila Brasil Lainer*”. Nos dois exemplos, “brevemente” pode significar de 1 a 2 anos, ou não se consumir. Camila alterou o perfil logo que retornou do Brasil de férias, anunciando seu retorno que já perdura dois anos. Sheila, nunca regressou ao Brasil desde 2004, e se organiza pagando uma passagem aérea em prestações que se prolongará até maio de 2013.

As linguagens de hipertexto utilizadas nas redes sociais pelos jovens misturam-se entre o português do Brasil, a adoção de gírias locais como – “iá”, “pá”, “gajo” – e a utilização de expressões em português de Portugal. Em algumas situações alguns jovens empregam frases em *crioulo*<sup>20</sup>, para além de palavras cortadas ao meio ou escritas de forma incorreta. Os trechos abaixo retirados do *Orkut* ilustram as formas como o hipertexto tem sido utilizado pelos jovens: “*dai me paciencia prq se me der cooragem eu fujo*” (Camila) “*entao cola ai ze o maike basou mais nois ta i ya*” (Leo). O controle sobre o percurso dos migrantes pelas comunidades de origem e de destino (por meio dos jovens da mesma região que residem na Grande Lisboa) foi observado em várias circunstâncias. É através do recurso da “fofoca”, que surge na etnografia como uma categoria nativa e possui um caráter negativo dentro do grupo, que são estabelecidas muitas das conexões entre o Cacém e Mantena.

No entanto, a noção de fofoca desenvolvida neste artigo segue a poposta sugerida por Cláudia Fonseca (2004) que a compreende como uma prática social que envolve relatos de fatos reais ou imaginários sobre o comportamento de outrém. Em *Estabelecidos e Outsiders*, Norbert Elias e Hohn Scotson (2000), propõem duas tipologias de fofocas: a depreciativa e a elogiosa. Para os autores, a fofoca depreciativa geralmente faz referência às pessoas de fora do grupo ou local, enquanto as fofocas elogiosas que se restringe às pessoas do próprio grupo, tendem à idealização. Em Mantena e no Cacém as fofocas não seguem esta tipologia. Em primeiro lugar porque as fofocas são normalmente sobre fatos relacionados a determinadas pessoas e não grupos e emergem normalmente de dentro do próprio círculo de parentes e amigos. Por outro lado, as fofocas estão sujeitas a

<sup>19</sup> Os nomes de filhos(as) também podem ser incorporados no *nickname*. Dora, por exemplo, teve um filho de seu namoro com um dos jovens brasileiros que não assumiu a paternidade da criança. O *nickname* “Dora, Nuno e Bruno” faz referência ao seu filho e o namorado atual, Nuno (português). A incorporação de Nuno em seu *nickname*, a mudança do estado civil no *Orkut* e as fotos postadas com a legenda “*família*” servem como resposta ao “abandono” do jovem que faz parte do mesmo grupo de brasileiros no Cacém - Portugal, e à gravidez de Dora para os familiares e conhecidos na origem.

<sup>20</sup> Língua falada em Cabo Verde.

serem alternadas, ou seja, podem ser tanto elogiosas como depreciativas. A fofoca pode ser uma expressão de solidariedade entre o grupo. Quando algum dos jovens sai sem namorado/a ou quando há uma infidelidade no namoro, o “desvio” é quase que imediatamente delatado. Numa das noites que regressamos de uma discoteca, Livia imediatamente ligou o *Messenger* para relatar à Juliana – que estava no Brasil de férias – que seu namorado, Maicon, estava na discoteca cercado de “*piriquetes*”.

O fluxo de informações funciona também no sentido inverso Mantena-Cacém. Gilcilene relata que “*arranjou*” um namorado português, um policial que, era “*muito bom para ela, não a deixava trabalhar, nem nada...*” Gilcilene foi morar com ele durante 6 meses. Entretanto, resolveu vir para o Brasil para ver seus filhos e “*arrumar os papéis para casar*”. “*Depois de alguns dias o Rui viria...*”, afirmara. Mas segundo a jovem, **alguém** fez uma “fofoca” para o Rui (no Cacém), dizendo que ela tinha ido a um *show* e “ficado” com outro homem. Ele acreditou e ligou para ela dizendo que não viria mais, terminando tudo. Não foi o primeiro relato no qual a fofoca torna-se presente nesse espaço transnacional. D. Lena (mãe de um dos jovens) já havia relatado que às vezes os fatos que acontecem na cidade são primeiramente conhecidos pelas pessoas que estão em Portugal: “*A vida das pessoas lá são comentadas pelas pessoas daqui*”.

As fofocas podem conjuntamente exprimir sentimentos de solidariedade ou compaixão. Durante a etnografia, um dos principais jovens da pesquisa, Maicon (25 anos) faleceu, vítima de afogamento na zona rural de Mantena. Sua morte foi noticiada pelo *facebook*, através do perfil de Juliana: “*Luto pelo Maicon. Que Deus conforte toda a família e a mim tb*”. Em menos de trinta minutos, os jovens do Cacém, inconformados com a fatalidade, já comentavam o acidente. Manifestações de solidariedade e detalhes do acidente foram compartilhados na página de sua “namorada”, Juliana, e no próprio perfil de Maicon: “*meu irmão e o melhor amigo que eu ja tive... jeje saudades parceiro*” (Yan) “*verdade vai ta sempre no meu coracao dificil de acredita*” (Sheila)<sup>21</sup>.

Diana diz “*saber o que amiga está sentindo*”, pois perdeu o marido (de Mantena) em março de 2012, vítima de uma explosão de gás no Cacém, regressando com seu filho de 4 anos para o Paraná. Alexandre estava em Portugal há 7 anos e não havia regressado ao Brasil. “*nossa amiga eu sinto muito o quer aconteceu fiquer tao triste queria falar com vc eu sei o quer vc dar sentino um dor muito rui DEUS saber o quer fazer tb amiga deppis vou entrado na net para nos ser falar tb beijo*” (Daiane).

O custo do traslado do corpo, de aproximadamente cinco mil euros, foi possibilitado pela organização das redes de amizade e familiares no Cacém e Mantena, na ausência de recursos financeiros da Embaixada e do Consulado brasileiro para este fim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que de forma exploratória, neste artigo revelei a importância da *Internet* como campo/ferramenta de pesquisa – sobretudo as redes sociais virtuais – na realização de uma etnografia multisituada com jovens brasileiros migrantes (TOGNI, 2012). Pensar as migrações internacionais contemporâneas na antropologia têm sido possível por meio de novas abordagens teóricas e meto-

<sup>21</sup> Extraídas do perfil do Facebook de Maicon, logo depois de sua morte em 25/06/2012.

dológicas que focalizam os fluxos (ver Ulf Hannerz, 2003), as redes e os trânsitos (PISCITELLI, 2003; 2008; 2009), como por exemplo a teoria transnacional, a teoria das redes sociais (BOYD, 2003; VELASCO, 1998) e as novas propostas de etnografias multisituadas (ver George Marcus, 1995; Akhil Gupta e James Ferguson, 1997). Não obstante, a possibilidade de realizar etnografias num *continuum on/offline*, – na medida em que entendemos as redes sociais virtuais como parte integrante e definidora das sociabilidades dos sujeitos na contemporaneidade –, poderá assumir uma nova perspectiva para pesquisadores, cujas análises, têm como objetivo apreender as interconexões transnacionais.

Num segundo momento, procurei demonstrar o modo como as redes sociais - *Orkut* e *Facebook* – têm operado na forma como os jovens selecionam informações para compartilhar no local de origem sobre suas experiências migratórias, que remetem à negociação de seus *status* e do “sucesso” migratório. O caráter performativo da identidade pessoal pode ser examinado nos hipertextos – escrita, fotos e vídeos – que possuem como narrativas centrais a sociabilidade dos jovens – idas a festas, shows brasileiros, churrascos, etc – e, conjuntamente, os bens de consumo adquiridos ao longo do projeto migratório. Nos contextos pesquisados, o incessante fluxo de informações entre Mantena e o Cacém – seja através das fofocas ou do acompanhamento dos perfis nas redes sociais virtuais – têm, na *Internet*, um importante recurso na manutenção dos vínculos, na produção de imaginários sobre a imigração, bem como na circulação de informações. A produção de imaginários ou de “mundos possíveis” (ver Arjun Appadurai, 2004) é mediada também pelas redes sociais virtuais. Conceitos êmicos como “melhorar de vida” e “aproveitar a vida” utilizados nos locais de origem dos jovens torna inteligível a maneira como as narrativas e imagens virtuais (selecionadas pelos jovens no destino) constroem realidades e formam ideias sobre as experiências migratórias para os outros jovens em Mantena.

Por fim, a escolha e uso de determinadas plataformas em detrimento de outras, revelam distinções sociais importantes. O argumento sobre uma possível “popularização” do *Orkut*, a valorização do *Facebook* e a posterior “migração” dos jovens membros de classes populares no final da etnografia para o *Facebook* tornou-se um exemplo que merece ser analisado com mais profundidade.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, Santos, São Paulo, 2007. Disponível em: [http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf). Acesso em: 15 fev. 2013.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Unicamp Campinas, SP, 2004.

\_\_\_\_\_. De Governador Valadares e Criciúma para Boston. **Nuevo Mundo-Mundos Nuevos**, v. 7, p. 3754, 2007.

\_\_\_\_\_. Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. UNICAMP, 2011. (Coleção Encontros Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero).

BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; BLANC, Cristina Szanton. **Nations Unbound**: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized Nation-States. Amsterdam: Gordon and Breach Science Publishers, 1994.

BELELI, Iara. Amores *on line*. In: PELÚCIO, Larissa *et al.* (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia. Marília: Editora Cultura Acadêmica, 2012. p. 56-73.

BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. **International Migration Review**, v. 23, n. 3, p. 638-670, 1989.

\_\_\_\_\_. **Women and migration: incorporating gender into international migration theory**. University of Toronto, 2003.

BRASILEIROS em Portugal, 2012. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=204940>, acesso em 27/10/2012.

BRETELL, Caroline. **Anthropology and migration**: essays on transnationalism, ethnicity and identity. Walnut Creek: Altamira Press, 2003.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Hohn L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GELL, Alfred. Recém-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias de uma perspectiva cultural. Niterói: EDUFF, 2010.

GRAMUCK, Sherri; PESSAR, Patricia R. **Between two islands**: dominican international migration. Berkeley: University of California Press, 1991.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James (Ed.). **Anthropological locations**: boundaries and grounds of a field science. Berkeley: University of California Press, 1997.

HANNERZ, Ulf. Being there ... and there... and there! Reflections on multi-site ethnography. **Ethnography**, v. 4, n. 2, p. 201-216, June 2003.

HEBDIGE, Dick. **Subculture**: the meaning of style. Londres: Methuen and Co., 1979.

HINE, Christine. How can qualitative internet researches define the boundaries of their projects? In: MARKHAM, A.N.; BAYM, N.K. **Internet inquire**: conversations about method. Los Angeles: SAGE, 2009. p.1-20.

MAPRIL, José. **A “Modernidade” do sacrifício Qurban, lugares e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Lisboa, 2008.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos. Mobilidades e escritos: mensagens trocadas (São Paulo – Portugal, 1890-1950). **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba, UFPR, n. 56, p. 113-136, jan./jun. 2012.

MAZZUCATO, Valentina. Transcending the nation: Explorations of transnationalism as concept and phenomenon. In: KALB, Don; PANSTERS, Wil; SIEBERS, Hans (Ed.). **Globalization and development**: themes and concepts in current research. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004. p. 131-162.

- MILLER, Daniel. **Capitalism: an ethnographic approach**. London: Berg Publishers, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The Internet: an ethnographic approach**. Oxford: Berg, 2000.
- MISKOLCI, Richard. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa *et al.* (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Editora Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-55.
- PESSAR, Patricia R. The Role of gender, Households, and social networks in the migration process: a Review and Appraisal. In: HIRSCHIMAN, Charles; KASINITZ, Philip and DEWIND, Joshua (Ed.). **The handbook of international migration: the american experience**. New York: Russel Sage Foundation, 1999. p. 51-70.
- PISCITELLI, Adriana. **Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina**. Campinas: UNICAMP, 2002.
- \_\_\_\_\_. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 1, p. 177-201, 2009.
- \_\_\_\_\_. Looking for new worlds: brazilian women as international migrants. **Signs**, Chicago, v. 33, p. 784-793, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Sexualidade tropical em contextos de Primeiro Mundo: migração de Brasileiras para a Itália no contexto da Transnacionalização do mercado sexual**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- PORTUGAL. **Lei n. 23 de 04 de julho de 2007**. Aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional. Disponível em: <http://www.sef.pt/documentos/56/NOVA%20LEI%20ESTRANGEIROS.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2013.
- RECUERO, Rachel. Teoria das redes e redes sociais na Internet: considerações sobre o *Orkut*, os *weblogs* e os *photoblogs*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 27., Porto Alegre, 2004. **Anais...** Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2012.
- SALES, Shirlei; PARAÍSO, Marlucy. Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exhibir, espionar e disciplinar. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 225-242, maio/ago. 2010.
- SCHROOTEN, Mieke. **Virtual migrant communities: 'orkut' and the brazilian case**. Bielefeld: COMCAD, 2010. (General Editor: Thomas Faist; Working Papers – Centre on Migration, Citizenship and Development; 80).
- SIQUEIRA, Sueli. Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte, Argumentum Editora, 2009.
- VELASCO, Laura. Identidad cultural y territorio: una reflexión en torno a las comunidades transnacionales entre México y Estados Unidos. **Región y Sociedad**, México: Sonora, v. 9, n. 15, p. 107, 1998.
- TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-McLAUGHLIN, Virgínia (Ed.). **Immigration reconsidered: history, sociology and politics**. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.
- TOGNI, Paula. “Melhorar de vida” ou “Aproveitar a vida”? Jovens brasileiros migrantes numa periferia de Lisboa (Portugal). In: PADILHA, Beatriz *et al.* **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: Atas do 2o Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa**. Lisboa: ISCTE 2012. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.
- \_\_\_\_\_. Que brasileiros(as) Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. UNICAMP, 2011. (Coleção Encontros Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero).